

## **Uma coleção apócrifa: a reescrita bíblica de Deana Barroqueiro**

Késia Oliveira

*Fiquei prisioneira daqueles textos pelos fios da memória que retomaram os percursos quase esquecidos da minha infância e adolescência de sólida formação católica, embalada pelos contos maravilhosos da Sagrada Escritura, cegamente aceitos por mim até à idade dos treze anos, a que se seguiram tempos de duvidar e de descrer.*

Deana Barroqueiro

A coletânea *Contos eróticos do Antigo Testamento*,<sup>1</sup> de Deana Barroqueiro, desde a sua apresentação, aponta para a relação, nem sempre amistosa, da Bíblia com a literatura. O que a escritora chama de leitura “cega” e “tempos de duvidar e descrer” conforma sua apropriação do texto sagrado e sua reescrita secular na ficção. Essa declaração pode ser entendida como uma advertência ao leitor, avisando-o que, naquelas páginas, ele estará entre a história e a ficção, entre o sagrado e o profano,<sup>2</sup> em meio a recriações das passagens bíblicas e muita imaginação. No que diz respeito à presença da Bíblia nesse conjunto de textos, a escritora relata que sentiu

uma vontade imensa de reescrever algumas dessas histórias, sob um outro ângulo, o de um cronista daquele tempo, um pouco céptico, sem crenças em Baal, Marduk, ou Jaweh, interessado em

---

1 BARROQUEIRO, Deana. *Contos eróticos do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Aquariana, 2006.

2 Ver: ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

recriar os espaços geográficos ambientais, sociais e étnicos, segundo os testemunhos que chegaram até nós.<sup>3</sup>

Ao se propor a reescrever a memória de suas leituras de infância como um “narrador-cronista” dos tempos bíblicos, Barroqueiro acessa outros discursos – filosófico, histórico, religioso – em favor da construção ficcional. Ela pesquisa livros de História da Antiguidade, relatos de escavações arqueológicas e segue “notas, explicações e comentários minuciosos [...] de estudiosos incansáveis para uma interpretação circunstanciada dos livros sagrados”<sup>4</sup> a fim de construir cada conto como uma crônica.<sup>5</sup>

O narrador-cronista que, de certa forma, simula uma dicção bíblica, faz emergir a presença do copista, figura que, segundo Wander Melo Miranda,<sup>6</sup> se diferencia do escritor, uma vez que tem como tarefa “escarafunchar arquivos e texto, levantar dados, fazer conjecturas, seguir pistas labirínticas, decifrar letras esmaecidas, correr atrás de cartas e diários perdidos, maquinari, tramar, fraudar...”<sup>7</sup> Por meio desse narrador, o cânone bíblico é revisitado para se subverter os sentidos do texto sagrado, desqualificando, em vários momentos, o sistema de signos e significados ali vigente.

Se a leitura da Bíblia pode apresentar-se de distintos modos – como um guia ético-espiritual, um documento de caráter histórico e/ou como um conjunto de textos literários – ,<sup>8</sup> Barroqueiro, nessa reescrita, toma o texto sagrado como uma expressão de uma cultura milenar, explorando as múltiplas interpretações dos episódios que são desdobradas nessa coleção de contos.

---

3 BARROQUEIRO, 2006, p. 7.

4 BARROQUEIRO, 2006, p. 7.

5 NASCIMENTO, Lyslei. Mulheres que matam. In: JEHA, Julio; JUÁREZ, Laura; NASCIMENTO, Lyslei. *Crime e transgressão na literatura e nas artes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. p. 155-172.

6 MIRANDA, Wander Melo. *A liberdade do pastiche*. In: \_\_\_\_\_. *Nações literárias*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010. p. 131-136.

7 MIRANDA, 2010, p. 132.

8 SCLIAR, Moacyr. Introdução: o fascinante universo bíblico. *Biblioteca Entrelivros: a Bíblia muito além da fé*, São Paulo, n. 2, p. 8-19, 2005, p. 8.

*Contos eróticos do Antigo Testamento* é, portanto, uma coletânea que reescreve dez episódios bíblicos do Primeiro Testamento, trazendo, em primeiro plano, personagens femininas, muitas vezes, silenciadas no cânone bíblico judaico-cristão, como Agar, a escrava egípcia, e Judite, cuja história está presente na tradição judaica, mas ausente nas Bíblias hebraica e protestante. Barroqueiro revisita a Bíblia como uma colecionadora de histórias que afirma ter um ponto de vista narrativo feminino, mas cujo cronista é, paradoxalmente, masculino.

Na reescrita, a apropriação de um arquivo considerado sagrado, total e unívoco, a escritora cria desvios nas histórias, provocando uma multiplicidade de vozes e, de certo modo, desconstruindo verdades absolutas. Ao tensionar a moral, as idealizações, os embustes masculinos e femininos, a escritora conduz o leitor por um emaranhado de fios narrativos e, ao mesmo tempo, evidencia a figura do escritor como um colecionador de textos.

## **1 Uma coleção de uma coleção**

A relação entre Bíblia e coleção é fundamental para se vislumbrar o ofício literário empreendido por Deana Barroqueiro em *Contos eróticos do Antigo Testamento*. A coleção se estabelece tanto no enunciado, a partir da reescrita de um conjunto de episódios bíblicos, quanto na enunciação, ou seja, na apropriação de uma tradição que já se apresenta como uma compilação de narrativas. A construção de uma coleção de histórias compiladas sob um olhar feminino é, assim, um simulacro que se estende à Bíblia.

Entender as narrativas bíblicas como parte de uma grande coleção de textos ilumina a ficção de Barroqueiro e permite, ainda, associar à Bíblia à noção de arquivo, isto é, um conjunto de bens culturais<sup>9</sup> passíveis de serem reorganizados. Nessa perspectiva, o ofício do escritor pode ser comparado ao gesto daquele que coleciona à medida que recolhe textos anteriores e os reorganiza em seu próprio texto, criando uma coleção de potencial narrativo

---

9 FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

infinito. O colecionador, de acordo com Walter Benjamin, busca os objetos de sua coleção, arranca-os de seu habitat natural e os realoca num novo sistema.<sup>10</sup>

Na arte de colecionar, “o objeto é desligado de todas as suas funções primitivas a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante”.<sup>11</sup> Esse desligamento, em *Contos eróticos do Antigo Testamento*, se dá desde o título, pois o apelo erótico ali preconizado desvia a leitura de um possível código religioso. No aspecto formal, os títulos dos contos marcam a ausência das personagens femininas: embora os textos sejam dedicados a mulheres, as tramas fazem referências apenas a personagens masculinos.

Se se tomar uma leitura não religiosa da Bíblia, em especial, do livro *Cântico dos Cânticos*, é possível encontrar nele uma narrativa cheia de “erotismo e paixão evocando imagens tão ricas e díspares que vão desde os prazeres do vinho, os jardins orientais até a força dos sepulcros”.<sup>12</sup> O erótico, que não deve ser confundido com o pornográfico e/ou o obsceno, enquanto caráter do que é sensual, aparece na definição do gênero do texto, visto que, conceitualmente,

o cântico é a expressão adequada para sentimentos intensos, prazer arrebatador, compromisso profundo. Dominados pelo desejo de dar dele o que não se pode pedir, não inventam escrevem rituais, não desenham mapas, não elaboram gráficos. Cantam.<sup>13</sup>

Com autoria atribuída a Salomão, o livro que integra o Primeiro Testamento trata, em uma perspectiva alegórica, do diálogo entre o amado (um pastor) e a amada (Sulamita) sob a forma de um poema. Nesse sentido, outro deslocamento que a trama de Barroqueiro realiza está na ruptura do gênero

---

10 BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. p. 237-246, p. 239.

11 BENJAMIN, 2007, p. 239.

12 ANDRADE, Edson Dorneles de. A Bíblia como literatura: violência, poder e erotismo na narrativa sagrada. *Linguagem*. Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem, São Carlos, 2008. Disponível em: [http://www.ufscar.br/linguagem/edicao03/ensaios\\_biblia.php](http://www.ufscar.br/linguagem/edicao03/ensaios_biblia.php). Acesso em: 10 jul. 2020.

13 LASOR, 1999 citado por ANDRADE, 2008.

sobre esse tema, uma vez que a poesia erótica presente na Bíblia é recriada em prosa pela escritora. O formato de conto, assim, ganha outro sentido que colabora para uma estratégia textual de dessacralização do discurso.

Ressalta-se que o erótico que está presente nos versos do *Cântico dos cânticos*, contudo, parece, no contexto religioso, uma forma de legitimação do poder masculino, que explora o corpo e a sensualidade da mulher, diferentemente dos contos de Barroqueiro, pois, embora sejam personagens masculinos que surgem nos títulos de todos os contos, são as figuras femininas, com a sua força subliminar, mas poderosa, que realmente tecem os enredos. A participação ativa da mulher nas narrativas, portanto, se constitui como mais uma forma de deslocar/subverter a interpretação tradicional da Bíblia e, nesse movimento, permite, ainda que metaforicamente, que o episódio extraído do texto sagrado se inscreva em uma tradição literária que se apropria de fragmentos e os reescreve.

No processo de retirar episódios e personagens bíblicos de seu contexto e dispô-los de uma outra forma, Barroqueiro recria um conjunto de histórias e, nessa tarefa, cria uma coleção de uma coleção. Quando a Bíblia é inserida em sua ficção, a escritora potencializa os sentidos da enxuta narrativa bíblica, traíndo esse arquivo em uma rede de alusões marcada pela noção de intertexto, pela concepção de que todo texto se constrói como mosaico de citações, sendo absorção e transformação de um outro texto,<sup>14</sup> colocando em xeque, assim, a própria noção de originalidade.

Se o texto pode ser visto como uma coleção, à medida que a tarefa da leitura constitui-se como um gesto de colecionar, o escritor partiria de seu arquivo de leituras para elaborar o seu próprio texto, mesclando memória e tradição, à maneira de Ricardo Piglia, para quem a memória é a tradição.<sup>15</sup> De acordo com o crítico, "um escritor trabalha no presente com os rastros de uma

---

14 KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Trad. Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

15 PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA Congresso. *Literatura e memória cultural*: anais. Belo Horizonte: ABRALIC, 1991. p. 60-66.

tradição perdida”.<sup>16</sup> Esses rastros da tradição são reescritos na literatura sob variados procedimentos de construção textual, adquirindo um sentido diferente a cada novo contexto.

Ainda segundo Piglia, a memória “tem a estrutura de uma citação, uma citação que não tem fim, uma frase que se escreve com o nome de outro e que não se pode esquecer”.<sup>17</sup> O processamento da memória ligado à citação, aponta, ainda, para a apropriação literária como parte essencial do ofício do escritor que, em sua escrita, se vale de citações de outros textos. Nesse sentido, todo texto produz-se a partir de uma biblioteca prévia, ao mesmo tempo em que se conforma como biblioteca da qual se originarão outros textos.

Um modelo de escritura literária é assim proposto por Antoine Compagnon:

O trabalho da escritura é uma reescritura, visto que se trata de converter elementos separados e descontínuos num todo contínuo e coerente [...] reescrever, realizar um texto a partir de seus fragmentos, é arranjá-los ou associá-los, fazer as ligações ou as transições que se impõem entre os elementos presentes. Toda escritura é colagem e glosa, citação e comentário.<sup>18</sup>

O entendimento da citação como uma reescrita – escrever está sempre ligado à tarefa de reescrever, não diferindo, portanto, de citar – revela o exercício da apropriação: ao citar, ou reescrever, o escritor se apropria de um texto alheio para constituir, assim, o seu próprio texto.

Se é a leitura que permite a criação de precursores,<sup>19</sup> escritores como Deana Barroqueiro invertem a ordem da tradição, situando-se em uma condição que a “qualifica como original tanto em relação ao passado quanto ao futuro.”<sup>20</sup> A partir desse ponto de vista, cada texto, ao se inscrever em uma genealogia, uma

---

16 PIGLIA, 1991, p. 61.

17 PIGLIA, 1991, p. 64.

18 COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996, p. 25.

19 BORGES, Jorge Luis. Kafka e seus precursores. In: BORGES, Jorge Luis. *Outras inquisições*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 127-130.

20 LAGES, Susana Kampff. Jorge Luis Borges, Franz Kafka e o labirinto da tradição. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 33, p. 13-21, 1993. p. 14.

coleção de textos anteriores, rompe com algum vínculo de fidelidade. Essa revisitação implica, portanto, uma traição, que se realiza na manipulação de referências como pode ser vislumbrada nos contos de Barroqueiro, em especial, em sua reescrita da criação do mundo que será abordada a seguir.

## **2 “No início”, de Deana Barroqueiro: uma reescrita da criação do mundo**

“No início”,<sup>21</sup> a primeira narrativa de *Contos eróticos do Antigo Testamento*, se desenvolve a partir do relato de um narrador em terceira pessoa que descreve a história da criação com elementos estranhos à Bíblia. Esse estranhamento ocorre, por exemplo, nas imagens de Deus, do homem e da mulher que são construídas de um modo distinto do livro de *Gênesis*. A partir da apropriação da narrativa bíblica, a escritora revisita a tradição promovendo um questionamento sobre a criação do mundo, conforme está ali registrado. No conto, a história bíblica é, portanto, narrada às avessas:

Deus sentira-se de tal modo defraudado por a Sua criação mais auspiciosa – o Homem feito à Sua imagem e a Mulher feita segundo a imagem aperfeiçoada do Homem, para dominarem sobre todos os outros seres do Mundo – ter resultado tão defeituosa e rebelde que, depois de os fazer expulsar do jardim do Éden, apesar da insistência dos anjos, se mostrara inabalável na recusa de uma nova tentativa para criar a Humanidade.<sup>22</sup>

Como se pode notar, nessa versão, além de se ter um sentimento atribuído ao divino, o que não aparece no texto bíblico, essa emoção é da ordem do engano. Se Deus, como apresenta a tradição judaico-cristã, é um ser onisciente, ao narrar que Ele foi defraudado, isto é, enganado por sua criação, Barroqueiro, tal como Machado de Assis no conto “Adão e Eva”, põe sob suspeita não somente o poder divino, mas sua instância como onipotente.

Ao tirar de Deus a condição que lhe é historicamente atribuída, vê-se um movimento de traição da imagem de um Deus todo-poderoso onipotente, onisciente e onipresente. Essa desconstrução aparece em outros momentos do

---

21 BARROQUEIRO, 2006, p. 11-15.

22 BARROQUEIRO, 2006, p. 11.

conto. Ao descrever a criação do mundo, o relato bíblico se encerra informando que “Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda a sua obra de criação. Essa é a história do céu e da terra, quando foram criados”.<sup>23</sup> No conto, a desarmonia com esse registro, que também, em alguns momentos, é conciliatória, aparece na construção de um Deus humanizado:

Apesar da Sua onisciência (talvez devido ao cansaço de ter feito aquele imenso Mundo em apenas seis dias), no instante da criação do Homem sentira-se muito orgulhoso e satisfeito com a Sua obra e não lhe achara qualquer defeito ou mácula.<sup>24</sup>

Por esse trecho, é possível notar que o conto oferece ao leitor uma adjetivação ausente na Bíblia, desdobrando o estilo enxuto do texto bíblico. Como esclarece Erich Auerbach:

só é acabado aquilo que nas manifestações interessa à meta da ação; o resto fica na escuridão. Os pontos culminantes e decisivos para a ação são os únicos a serem salientados; o que há entre eles permanece inconsistente; tempo e espaço são indefinidos e precisam de interpretação; os pensamentos e os sentimentos permanecem inexpressos: só são sugeridos pelo silêncio e por discursos fragmentários. O todo, dirigido com máxima e ininterrupta tensão para um destino e, por isso mesmo, muito mais unitário, permanece enigmático e carregado de segundos planos.<sup>25</sup>

A ausência de detalhes e de explicações do estilo bíblico sinalizadas por Auerbach são expandidas por Barroqueiro que retrata, em “No início”, um Deus que se cansa, sente orgulho e que

na euforia que se seguiu, não vendo entre todos os animais desse Mundo uma companheira adequada para oferecer à Sua criatura, caíra na tentação de dar vida a um novo ser, feito à imagem do anterior, mas aperfeiçoando o modelo com a introdução de pequenas mas significativas diferenças.<sup>26</sup>

---

23 A BÍBLIA de Jerusalém. A. T. *Gênesis*. Nova edição, revista e ampliada. Trad. Euclides Martins *et al.* São Paulo: Paulus, 2010. cap. 2, p. 35.

24 BARROQUEIRO, 2006, p. 11.

25 AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 9.

26 BARROQUEIRO, 2006, p. 11.



Vê-se, portanto, um contraponto do conto com o texto bíblico, no qual a criação é realizada de um modo planejado. Para Jacó Guinsburg:

Deus fez a Criação e viu que era realmente uma beleza. Tudo funcionava. Ficou tão satisfeito com sua obra-prima que julgou não poder reservar-se a sua contemplação. [...] Já que se dera ao trabalho, o Artista achou que deveria expor a sua Criação aos olhos de alguém mais: um espectador, uma testemunha. Só assim ela se completaria, adquiriria um sentido específico, um fim. Ora, é claro que este apreciador, para formar uma imagem, para "enxergar" o que fora realizado, precisaria dispor de atributos que só o Criador tinha até então. Por isso Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança". Dito e feito.<sup>27</sup>

A criação das coisas e, sobretudo, do homem, relatada por Guinsburg e que, na Bíblia, aparece ligada a uma explicação que evidencia a necessidade do surgimento dos elementos, é, pois, alterada por Barroqueiro. O conto apresenta uma roupagem distinta da história da criação, pondo em evidência sensações e sentimentos ausentes no texto bíblico, como "euforia" e "cansaço". Além disso, se, na Bíblia, Eva é criada porque o Criador considera necessário dar a Adão uma companheira e se, nos mitos arquetípicos,<sup>28</sup> ela é persuadida pela serpente e cede à tentação, no conto, é Deus quem cai na tentação de dar vida a um novo ser e a criação da mulher é narrada como um aperfeiçoamento do homem. Assim descreve o narrador:

Como desejava um material mais raro do que o pó utilizado na primeira tentativa, adormeceu profundamente o Homem, nas margens do rio Tigre que limitava a Oriente o jardim do Éden, e tirou-lhe uma das costelas que substituiu por carne, esculpindo a partir do osso uma nova criatura em forma de Mulher. Ao contemplar a Sua obra, Deus achou-a tão bela que, em vez de lhe soprar a vida pelas narinas como fizera ao Homem, lha insuflou através dos lábios beijando-a e, com surpresa, sentiu

---

27 GUINSBURG, Jacó. Da mulher na Bíblia. *Arquivo Maaravi*. Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, v. 7, n. 12, p. 74-84, 2013. p. 77. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14163>. Acesso em: 10 jul. 2020.

28 Segundo Nancy Rozenchan, a Eva bíblica muito se diferencia da Eva mencionada em bases de mitos arquetípicos, não sendo um ser mal, sexual ou demoníaco, como muitas vezes é relatado. Cf. ROZENCHAN, Nancy. As muitas faces de Eva. In: GOHN, Carlos; NASCIMENTO, Lyslei. *A Bíblia e suas traduções*. São Paulo: Humanitas, 2009. p. 195-210.

pela primeira vez o Seu espírito vibrar de emoção nesse fugaz contato com a matéria. Deus conduziu a Mulher para junto do Homem que despertara e observou cheio de curiosidade a sua reação. Para Seu espanto, o Homem, ao ver diante de si aquele novo ser em toda a sua esplêndida nudez, não se ergueu do lugar, nem agradeceu ao Criador, limitando-se a exclamar: — Esta é realmente osso dos meus ossos e carne da minha carne! Chamar-se-à mulher, visto ter sido tirada do homem! Ouvindo estas frases, Deus admitiu pela primeira vez que talvez a sua melhor criação não fosse afinal tão perfeita no espírito como era na carne e pensou se não seria um risco pôr a árvore da ciência do bem e do mal ao seu alcance. Porém, como já era tarde, retirou-se para descansar ao sétimo dia e não voltou a pensar no assunto.<sup>29</sup>

A ingratidão de Adão revelada no texto é um dos desvios que a ficção promove do texto sagrado. Outro elemento contrastante que pode ser vislumbrado é a superioridade do feminino. No relato ficcional, a criação da mulher envolve um material mais raro do que o pó utilizado na primeira tentativa.

A contemplação divina que culmina em um beijo, no lugar de um sopro nas narinas como fez com o homem, para dar vida à mulher, erotiza a relação entre o criador e a criatura e, por intermédio desse gesto, pode ser encarada como uma profanação, já que transgride o modelo sagrado ao apresentar os lábios de um Deus que beija sua criação e que, com isso, faz seu espírito vibrar.

A estratégia de explorar o erotismo no conto faz paródia da tradição e ressignifica a coleção sagrada dos textos bíblicos. A descrição de um Deus que tem um comportamento erótico com sua criação inscreve o profano no sagrado, corroborado pela “esplêndida nudez da mulher”,<sup>30</sup> relatada pelo narrador.

De modo semelhante à narrativa bíblica, a história do conto segue com a desobediência do casal primordial, com sua respectiva expulsão do paraíso e, por fim, com o envio do dilúvio para a Terra. Mas a história, contudo, não acaba quando o conto termina, como adverte o narrador:

---

29 BARROQUEIRO, 2006, p. 11-12.

30 BARROQUEIRO, 2006, p. 12.

Porém, contrariando os desígnios divinos, as forças celestes interessaram-se de novo pela Humanidade e, para acelerar o seu crescimento, concederam aos descendentes de Noé, tal como haviam feito aos de Adão, uma esperança de vida de mais de novecentos anos nos homens e uma juventude e fertilidade quase eternas nas mulheres, segundo consta nos registros do livro das gerações nascidas de Adão, de todos os Patriarcas de antes e depois do Dilúvio, no Livro do Gênesis, que não enunciaremos aqui, por ser demasiado extenso e não servir os propósitos deste nosso conto.<sup>31</sup>

A esperança de vida e a ideia de fecundidade advertidas apontam, metaforicamente, para uma fertilidade literária no que diz respeito aos infinitos textos que foram e continuam sendo criados e recriados a partir da Bíblia.

### **3 Uma coleção apócrifa**

Deana Barroqueiro inscreve-se em uma tradição de escritores que têm como mote literário a Bíblia ou os textos apócrifos da Bíblia. Em suas reescritas dos textos sagrados, ela escande a exiguidade da narrativa apropriada, uma possível coleção apócrifa se compõe. À palavra “apócrifo”, muitas vezes, é atribuída a noção de falsidade, algo oculto, como é possível observar nas definições do dicionário: “obra mantida na clandestinidade”, “obra falsamente atribuída a um autor ou de autor desconhecido” e “obra cujo texto se mostra diferente do que o autor escreveu”.<sup>32</sup>

No contexto religioso, contudo, ela é usada para designar as obras excluídas do cânone bíblico, correspondendo, desse modo, aos livros escritos sem a inspiração divina, isto é, uma obra religiosa destituída de autoridade canônica. Para John Rogerson, o termo oscila conforme o segmento religioso que o emprega, visto que os livros “designados como apócrifos pelos protestantes, e

---

31 BARROQUEIRO, 2006, p. 14.

32 APÓCRIFO. In: HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v5-4/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1). Acesso em: 10 jul. 2020.

como deutero-canônicos e apócrifos pelos católicos, são todos considerados deutero-canônicos pelos ortodoxos”.<sup>33</sup>

De acordo com Hans-Josef Klauck,<sup>34</sup> o termo apresenta uma ação positiva e uma negativa. A primeira designa as revelações secretas que são reconhecidas em certos grupos; a segunda reforça a ideia de falsificação e de heresia, sendo defendida pelos que acreditam na existência de um cânone eucarístico específico.<sup>35</sup>

A definição do termo, assim, se mostra circunscrita por relações de poder, englobando, ainda, aspectos políticos e econômicos. Um dos critérios, por exemplo, para se estabelecer o que se entra no cânone bíblico seria o idioma: os livros – do Primeiro Testamento, segundo algumas concepções dos estudos bíblicos –, para serem canônicos, não poderiam ter sido escritos em grego, pois a língua grega, para os judeus, não era sagrada, uma vez que era a falada por seus opressores.

A publicação dos textos apócrifos, que se articula como uma reinterpretção da história do cristianismo, é detalhadamente estudada por Jacir de Freitas Faria.<sup>36</sup> O pesquisador dos apócrifos do Segundo Testamento chega a propor uma classificação para esses textos, que podem se aproximar à coleção de histórias fabulada por Deana Barroqueiro.

Os apócrifos, segundo Faria, podem ser classificados em aberrantes, complementares e alternativos. Os aberrantes compreendem a coleção de textos que exageram na descrição de fatos sobre Jesus, discordando totalmente da narrativa bíblica; os complementares são aqueles que fornecem alguns detalhes não encontrados na Bíblia, complementando “em primeiro lugar, o conteúdo do

---

33 ROGERSON, John William. A produção dos livros apócrifos. In: \_\_\_\_\_. *O livro de ouro da Bíblia*. Trad. Talita Rodrigues. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 112-147. p. 112.

34 KLAUCK, Hans-Josef. *Evangelhos apócrifos*. Trad. de Irineu J. Rabuske. São Paulo: Loyola, 2007.

35 QUEIROZ, Maria de Fátima de. *Roberto Bolaño: aproximações à tradição literária do apócrifo*. 2014. 101 f. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, p. 41.

36 FARIA, Jacir de Freitas. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos – poder e heresias!*: introdução crítica e histórica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2009.

texto canônico sem, na maioria das vezes, diminuir o seu caráter de texto inspirado”;<sup>37</sup> por fim, os alternativos são os que apresentam uma forma de cristianismo diferente daquele que se tornou hegemônico, como o Evangelho segundo Judas.<sup>38</sup> Para além da interpretação religiosa, os apócrifos constituem uma oportunidade para se refletir sobre o texto ficcional e o ofício do escritor à medida que ela traz em cena a noção de originalidade, conceito caro aos estudos literários.

Um texto apócrifo, portanto, seria aquele que se coloca como uma versão, um não original e, nesse sentido, a reescrita ficcional, em especial a da Bíblia, pode ser entendida como um exercício apócrifo visto que ela se configura a partir de um emaranhado de falsas atribuições, imitações, cópias, plágios e pastiches.

A reescrita apócrifa como procedimento narrativo se faz presente em *Contos eróticos do Antigo Testamento* a partir da coleção de outras versões criadas para episódios e personagens bíblicos, como no conto “No início” aqui analisado. Sendo assim, a classificação de Farias pode ser vislumbrada no texto na medida em que se tem um relato desviante da criação do mundo, sendo, dessa forma, uma espécie de apócrifo aberrante. O conjunto de narrativas que reescrevem a Bíblia criado por Barroqueiro formaria uma coleção apócrifa, pertencendo, assim, a uma linhagem de escritas apócrifas – da qual escritores como Machado de Assis e Jorge Luis Borges também fazem parte – e promovendo uma ampliação de sentidos, que, pela escrita e pela leitura, modifica o texto precedente.

### **Considerações finais**

Ao partir de suas memórias, isto é, de uma coleção de leituras sobre as histórias bíblicas, Barroqueiro produz a sua própria coleção em uma relação que

---

37 FARIA, 2009, p. 42.

38 Traduzido e publicado em 2006 pela National Geophaphic Society, o evangelho apócrifo de Judas revela o discípulo como o libertador de Cristo. O apóstolo, nesse texto, aparece como participante de um plano divino e o único a compreender de fato a missão de Jesus.

mescla memória e criação, conservação e destruição, apresentando-se como um Pierre Menard,<sup>39</sup> o célebre personagem de Borges, às avessas.

Para Menard interessa reescrever o Quixote de Cervantes palavra por palavra:

Ele não queria compor outro Quixote – o que seria fácil – mas o Quixote. Inútil acrescentar que nunca levou em conta uma transcrição mecânica do original; não se propunha copiá-lo. Sua admirável ambição era produzir páginas que coincidissem – palavra por palavra e linha por linha – com as de Miguel de Cervantes.<sup>40</sup>

Ao contrário da tarefa empreendida por Cervantes, como o trecho revela, a reescrita de Barroqueiro, ao trazer em cena um Primeiro Testamento

repleto de anciãos preguiçosos, libidinosos e lascivos, de brutamontes ignorantes e violadores, convocados por um Deus irado frente à própria incompetência e à própria imagem, segundo a qual teria criado o homem, de quem afinal não gosta e castiga,<sup>41</sup>

realiza uma contestação da Bíblia pondo em xeque a moral, as idealizações, a submissão imposta às mulheres e os embustes masculinos.

Se a Bíblia confere uma visibilidade precária à mulher, muitas vezes, traduzida em sua presumida inferioridade, tomando como base, por exemplo, as cartas do Apóstolo Paulo e o relato da criação em *Gênesis*, nos quais o desvio moral de Eva aparece desde sua criação a partir de um osso curvo<sup>42</sup> da costela de Adão, havendo, portanto, uma condição inferior, defeituosa, desde a sua origem, na coletânea de Barroqueiro, o protagonismo feminino ganha vez e o papel atribuído às personagens femininas, vislumbrado na afirmativa do “olhar

---

39 BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor do Quixote. In: \_\_\_\_\_. *Ficções*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 34-45.

40 BORGES, 2007, p. 38.

41 HORTA, Maria Teresa. Prefácio. In: BARROQUEIRO, Deana. *Contos eróticos do Velho Testamento*. Lisboa: Planeta, 2018, p. 12.

42 GEVEHR, Daniel Luciano; SOUZA, Vera Lucia de. As mulheres e a igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. Revista *Acadêmica Licencia&acturas*, v. 2, n. 1, p. 113-121, jan./jun 2014. Disponível em: <http://ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/download/38/34>. Acesso em: 10 jul. 2020.

magoadas das mulheres”, que dá o tom das narrativas, promove uma coleção que se articula a partir de uma relação ambivalente com a Bíblia em um misto de homenagem e de provocação.<sup>43</sup>

Ao tomar como base a Bíblia, desdobrando-a em reescritas, Deana Barroqueiro se aproxima, assim, da concepção da Bíblia como uma coleção de livros, mostrando-a, tal como faz Richard Zimler em seu romance bíblico *O evangelho segundo Lázaro*,<sup>44</sup> como “uma estrutura compósita e fragmentada, que põe em cena um autor/criador e os autores dos livros ali reunidos como amanuenses e copistas”.<sup>45</sup> Nesse movimento, delinea-se a ficção como uma coleção apócrifa, na medida em que parodia o discurso sagrado, inscreve uma abordagem erótica nos relatos, e, na enunciação, como um procedimento narrativo de reescrita, confronta a tradição, ao mesmo tempo que constrói, com ela, uma coleção de histórias compiladas sob um olhar feminino.

---

43 Cf. NASCIMENTO, 2015.

44 ZIMLER, Richard. *O evangelho segundo Lázaro*. Trad. Daniela Garcia. São Paulo: Globo Livros, 2018.

45 NASCIMENTO, Lyslei. Lázaro e o romance bíblico de Richard Zimler. *Arquivo Maaravi*. Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, v. 12, n. 23, nov. 2018, p. 2. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14471>. Acesso em: 10 jul. 2020.